

O Conceito e a Obra: Reflexões sobre o prédio pós-moderno da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

LEOPOLDO EURICO GONÇALVES BASTOS¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre a arquitetura contemporânea com ênfase na análise do prédio da “Faculdade de Letras da Universidade do Porto – FLUP”, em Portugal. A partir de uma visita realizada in loco pelo autor, em dezembro de 2017 e através de conceitos levantados sobre o pós-modernismo: historicismo, bioclimatismo, concepção da forma, integração com a paisagem, etc, tornou-se possível consolidar as impressões obtidas pelo observador quando de seus deslocamentos. Considera-se também uma breve revisão histórica sobre o revestimento azulejado em fachadas portuguesas. O estudo realizado indica que o texto elaborado pelo arquiteto muito auxilia a compreensão se a obra for conceitual e pós-moderna.

Palavras-chave: Arquitetura pós-moderna; Fachadas Azulejadas; Arquitetura vernacular

Abstract: The aim of this paper is to present some reflections on contemporary architecture with emphasis on the analysis of the “Faculdade de Letras da Universidade do Porto – FLUP”. As a result from a visit made in loco by the author in December 2017, and through concepts of post-modernism: historicism, bioclimatism, design of the form, integration with the landscape, etc, it became possible to consolidate the obtained impressions when of displacements. Also, comments are made about the historic use of tiles on Portuguese building façades. The study indicates that the text prepared by the architect greatly helps to understand when the work is conceptual and postmodern.

Keywords: Postmodern architecture; Tile façades; Vernacular architecture

Recebido em 20/02/2018 e aceito em 17/06/2019.

1. Professor Titular, DSc COPPE/UFRJ; Pós-Doc LASS/CNRS- Université Paul Sabatier –Toulouse, França. Membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PROARQ-FAU. Docente do Mestrado em Arquitetura da Universidade Vila Velha – UVV, Espírito Santo. Email: leopoldobastos@gmail.com.

Introdução

Na cidade portuguesa do Porto, do alto do bairro Boavista se descortina para o sul uma vista esplêndida do vale onde corre o Rio Douro, e completam o quadro, esparsas construções, e uma vegetação nativa. Nesta região está situado o Polo 3 da Universidade do Porto, onde se localiza a Faculdade de Letras -FLUP, Figura 1, em um complexo arquitetônico de concepção pós-modernista de autoria do arquiteto *Nuno Jennings Tasso de Sousa*, realizado no período 1986-1995.

Figura 1- Localização do Prédio da Faculdade de Letras do Porto



Fonte: <http://maps.google.com>

Confirme indica o arquiteto, Sousa (2011, p.14):

“Pelo Plano Geral, a construção devia ter a capacidade de 3500 alunos e ocuparia uma área coberta de 14 000 m², restando ainda um espaço livre, suficiente para permitir uma expansão equivalente a 50% da superfície inicialmente calculada. No Programa Base apresentado na fase inicial do

projecto, com data de 20/12/1986, encontra-se sistematizada toda a informação anteriormente proposta por aquele grupo de trabalho, assim como o inter-relacionamento dos espaços e o respectivo dimensionamento. O referido documento, assente nos dados recebidos pelo projectista, através do colégio de representantes da Faculdade, foi submetido à Rectoria, o qual mereceu a aprovação, após consultada aquela instituição.”

Em continuidade, este mesmo arquiteto cita que também fez parte deste documento uma localização pré-determinada, com um contexto específico (natural e humanizado), junto com uma reflexão sobre as características históricas, morfológicas e ambientais do lugar:

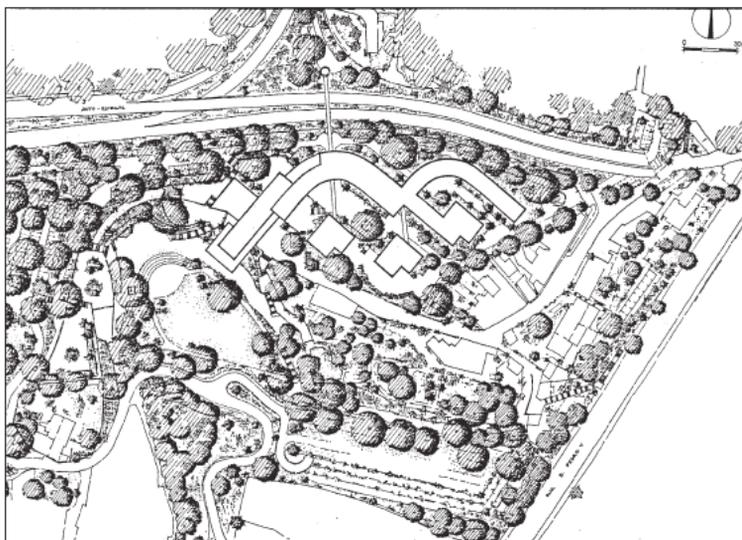
“Evidenciam essa preocupação as citações textuais extraídas da Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto e da obra do arquiteto romano Vitruvius. Do primeiro, e em relação às características ambientais recordamos: Enfim, se o clima desta cidade não é o mais sadio de todo o reino ele não é dos mais perniciosos, se assim não fosse não se multiplicariam nas suas vizinhanças as muitas e belas quintas que a rodeiam e fazem um paraíso delicioso, ou Primavera continua... Muitas destas quintas dilatam-se por Massarelos, Vilar e Cedofeita. Raríssima haverá da qual não se goze vista do rio e mar. Já do segundo extraiu-se uma associação entre o símbolo da sabedoria, a deusa Minerva, a Atena dos gregos, e o modo de implantar os templos a ela dedicados, neste caso simbolicamente figurado pela Faculdade, em especial pela sua biblioteca, que se entende como um dos núcleos geradores da modelação dos espaços do edifício. Tratar-se-á de uma celebração do espírito do lugar, em que, para além dos seus atributos naturais, as humanidades são evocadas através da simbologia da antiguidade clássica, onde se defende – de acordo com Vitruvius – que “ os templos de... e Minerva devem implantar-se no ponto mais alto dominando visualmente a maior parte da cidade”, (SOUSA, 2011, p.15).

Ocupação do solo, modelação e programa

Assim, para a ocupação do solo pelo prédio da FLUP, foram estabelecidas as seguintes condições, Sousa (2011, p.16), ver Figura 2:

“O facto de o terreno se situar sobre limite sudeste da plataforma que estende desde a Boavista ate ao Campo Alegre, encaixado entre os festos da Pena e do Gulgota, mesmo sobre o início da encosta sobranceira a margem norte do Rio Douro, confere-lhe uma morfologia peculiar. Dai resulta, entre outros aspectos, uma transição quanto ao modo de ocupação do solo, que se pauta na direcção norte por uma grande densidade de malha edificada e por extensos alinhamentos a face dos traçados viários. Pelo contrário, na encosta, a sul, a fixação é dispersa e quase aleatória, apesar desta se encontrar em processo de alteração, graças aos empreendimentos que ali recentemente se vão erguendo. Deste enquadramento ressalta uma variação das amplitudes do campo visual, ou seja, na direcção do rio ele é vasto ou profundo, enquanto para o lado oposto se torna mais contido ou confinado. São factores que contribuiram para sugerir uma modelação diferenciada das massas volumétricas, conforme se expõem ao observador e se relacionam com o desenho urbano próximo. Naquele momento, também se associou a remota possibilidade de estabelecer uma ligação franca na direcção da Praça da Galiza.”

Figura 2 - Proposta final de implantação da Faculdade de Letras



Fonte: (Sousa, 2011, p.16)

Quanto à modelação e o Programa foi estabelecido que:

“A noção clara desta complexidade de circunstâncias, inerentes ao local e ao programa, traduziu-se no processo de materialização dos espaços livres e edificados, o qual se configurou do seguinte modo:

- sobre a encosta, distribuem-se sucessivamente varias torres, sobressaindo a da biblioteca, as quais abrem sobre o pequeno vale do Golgota, destacando-se de um extenso corpo predominantemente horizontal, a abraçar aquele conjunto e a demarcar o vasto corredor cujo alinhamento previsto se integraria na restante malha urbana, a estender-se na direcção da Boavista e da Praça da Galiza;
- os diversos volumes interligam-se, a vários níveis, por galerias entreabertas assentes em plataformas desniveladas segundo as pendentes, delimitando conjuntamente pátios, com geometrias e superficies diferenciadas, de onde se adivinha o vale adjacente;
- a constante alternância entre os espaços livres e construídos, que seria acentuada por um notável arranjo paisagístico não concretizado, apela à percepção do lugar, tanto pelas suas

vertentes naturais, como pelas humanizadas;

- graças às tonalidades naturais empregues no revestimento exterior e interior, ora de predominância ocre, ora de oxido de ferro ou ainda de cinza, esta ultima bem presente na luz portuense, estabelece-se um diálogo com o contexto cromático, rico e delicado, próprio do vale do Rio Douro que neste trecho final se manifesta de modo inconstante, pleno de alternâncias surpreendentes;
- a coloração das superfícies edificadas, tanto exteriores como interiores, tem um envolvimento directo na modelação espacial, participando de modo activo na dinâmica cromática do meio. A aplicação da “lei de Albers”, torna-se aqui uma evidência, variando a presença e destaque dos diversos volumes de acordo com a tonalidade dominante do ambiente, compartilhando o protagonismo da definição formal com as sombras, próprias e projectadas;
- através do uso de mesclas de cores, padronizadas segundo geometria única, distribuídas sobre fundos dominantes, proporcionam-se índices de percepção cromática, variáveis conforme o grau de proximidade do observador;
- é bem patente a aplicação de princípios associados à formulação de séries numéricas diferenciadas, coexistindo por sobreposição, como é o caso da relação entre os padrões do revestimento dos paramentos opacos e as sequências de vãos ou da fenestração;
- no conjunto dos espaços não prevalece um ordenamento formal determinado pelas leis da perspectiva, onde impera o ponto de fuga e a linha de horizonte. As diagonais, as superfícies curvas e as demarcações de desenvolvimento vertical, tanto interiores como exteriores, contrariam-na regularmente num processo que a torna menos impositiva nas sequências visuais, sejam elas estáticas ou em movimento;
- através da representação altimétrica dos espaços, cortes e alçados, não é possível visualizar por inteiro as diferentes faces do conjunto, segundo as orientações convencionais, N-E-S-W, o que denota um processo de pesquisa onde é menos valorizado esse procedimento secular.”(SOUSA,2011, p.16).

Além disso, com relação à torre cilíndrica principal da biblioteca:

“Considerada pela instituição, a data da realização do projecto, como o repositório por excelência de um vasto acervo de conhecimento, a biblioteca veio, por isso, a ficar situada num ponto estratégico relativamente ao edifício e a envolvente externa. Distribuída por diversos pisos, a sua forma não escapa à influência literária de Humberto Eco e Jorge Luis Borges. Embora faça parte dos espaços de uso condicionado, confina com outros de livre acesso, distribuídos em torno da área de acolhimento, podendo no seu conjunto constituir uma forma de apoio explícito a comunidade exterior, sem perturbar o funcionamento dos restantes sectores do edifício.” (SOUSA,2011, p.20).

Nas Figuras 3 a 7 a seguir, são apresentadas quatro fotos de vistas do prédio da FLUP.

Figura 3- Vista norte da torre da biblioteca



Fonte: Autor (2017)

Figura 4 – Vista noroeste de parte do complexo da FLUP



Fonte: Autor (2017)

Figura 5 - Vista interior de pátio e fachadas vazadas das rampas



Fonte: Autor (2017).

Figura 6 - Vista sudoeste de parte do complexo da FLUP



Fonte: Autor (2017)

Arquitetura Pós-moderna

Conceituar o Pós-Modernismo nas Artes e na Arquitetura através de um pensar histórico não é trivial, conforme indica Jameson (2007, p.15):

“Le plus sûr est d’appréhender le concept du post-moderne comme une tentative de penser historiquement à une époque qui, avant tout, a oublié comment penser historiquement.”

Mas, de acordo com Portuguesi (2002, p.61):

“O Pós-moderno é mais evolucionista que revolucionário; não nega a tradição moderna, mas interpreta de forma livre, a integra e revê criticamente seus erros e acertos. Contra os dogmas de ambivalência, de coerência estilística pessoal, do equilíbrio estático, ou dinâmico, contra a pureza e a ausência de qualquer elemento vulgar, a arquitetura pós-moderna revalida a ambigüidade e a ironia, a pluralidade de estilos, o duplo código que lhe permite voltar-se ao mesmo tempo

para o gosto popular, através da citação histórica ou vernácula, e para os especialistas através da explicitação do método compositivo e do denominado “jogo de xadrez” da composição e decomposição do objeto arquitetônico”.

Nesta mesma direção Moneo (2008, p.52) cita as palavras do arquiteto americano Robert Venturi:

“Sou a favor da riqueza de significados ante a clareza do significado; das funções implícitas ante as explícitas. Prefiro ambas ao mesmo tempo, a “um ou outro,.....”

Conforme ainda enfatiza Scofier (2009, p.161):

“Estamos hoje constantemente rodeados por objetos. Sinais, em Toda parte, recobre o horizonte, excedendo sempre nosso campo visual. Em qualquer lugar que estejamos, estamos sempre protegidos. Envolvidos, como se o ato de vagar tivesse realmente se tornado impossível. À noite como de dia, os fluxos contínuos de informação nos submergem. Essas quatro constatações definem nossa condição contemporânea. Um mundo amniótico de artefatos que transitam e nos seduzem. Um mundo onde a palavra, o conceito, tende a se substituir à sua referência. Um mundo no qual somos ao mesmo tempo nômades e sedentários. Nômades, porque nos deslocamos permanentemente na superfície da terra e, sedentários, porque estamos *em casa* aonde quer que estejamos. Um mundo, ainda, onde somos informados em tempo real do que ocorre do outro lado do planeta, e onde, cada nova notícia, cada acontecimento apaga o precedente, obrigando-nos a viver em cada instante com a impossibilidade de reconstruir uma memória.”

Traduzir para a arquitetura esta condição existencial contemporânea constituiu-se em uma tarefa árdua, porém necessária, quando se enfatiza o historicismo.

Na época do projeto do prédio da FLUP em 1986 eram fortes os apelos conservadores para o assim chamado *contextualismo*² da arquitetura pós-moderna”, e era presente muita polêmica, (FOSTER, 2017, p.44).

Impressões de uma visita, e considerações sobre o prédio da FLUP

Em dezembro de 2017 o autor deste artigo percorreu a rua que parte da zona urbana do bairro de Boavista e após acessou o espaço de localização do prédio da FLUP. A primeira visão que se tem desta arquitetura pós-moderna, revela uma grata surpresa, parecem estar ali consolidados alguns conceitos de Robert Venturi e de Aldo Rossi. Logo se identifica a configuração da grande envoltória azulejada e colorida do prédio, e depois a torre principal da biblioteca. Ao se contemplar o conjunto arquitetônico de perto e ao longe no vale, é possível identificar referências vernaculares desta região norte de Portugal, como as ruínas de castelos nos cimos das elevações; restos de paredes; passagens de acesso; local para toureio, e enfim antigos prédios com fachadas azulejadas e coloridas.

Compreende-se que a concepção arquitetônica do prédio seguiu preceitos pós-modernos, com ênfase no historicismo decorativo; integração com a paisagem; formas arquitetônicas vernáculas constituindo um todo, que expressa condições de complexidade, ambigüidade, tensão, e a idéia do *genius locci* (*espírito do lugar, entidade romana que zela pela proteção ao lugar*). Por conseguinte, pode-se considerar a leitura vernacular como um ponto

2. O Contextualismo cultural se encontra em linha oposta à arquitetura (autonomia da forma) , mas têm em comum fundamentos de linguagem estruturalista.

forte da obra, onde os três princípios do arquiteto romano Vitruvius foram assumidos (*soliditas, comoditas, venustas*), ao lado de imagens de labirinto ou leituras fragmentadas de Jorge Luis Borges, além dos percursos pelas cidades invisíveis de Ítalo Calvino (1972).

Evidentemente, os aspectos funcionais do prédio foram considerados, pois é uma faculdade pública que precisa dispor de salas de aulas, laboratórios, alojamentos, e outros espaços afins.

A arte conceitual, conforme indica Pássaro (2017, p.131), considera para o objeto duas estruturas: uma superficial (denotação, percepção, semântica) e outra profunda (conotação, conceito, e sintaxe de linguagem).

Sobre a estrutura superficial (historicismo decorativo)

A presença de superfícies externas azulejadas neste conjunto arquitetônico da FLUP, suscitou ao autor deste trabalho um questionamento sobre a origem no cenário histórico português do uso do azulejo de revestimento nas fachadas ou envoltórias dos prédios.

No Brasil cidades antigas, como São Luiz (Maranhão) possuem casas com fachadas em azulejos decorados ou pintados. Também, na arquitetura moderna brasileira o azulejo foi utilizado como revestimento externo decorativo em muitas obras, como a igreja de Pampulha (MG) por Niemeyer e azulejaria de Cândido Portinari; e o prédio do antigo Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro por Lúcio Costa e Niemeyer. O movimento modernista na arquitetura brasileira se diferenciou bastante da ortodoxia do modernismo europeu, que seguiu de perto os princípios funcionalistas de Le Corbusier. Na arquitetura brasileira além do funcionalismo foram observados critérios bioclimáticos (*uso de fontes energéticas naturais como o sol,*

ventos, biomassa, e de estabelecer condições de adaptabilidade das edificações às condições climáticas locais) oriundos da arquitetura vernácula colonial (Lúcio Costa), e uma plasticidade de novas formas arquitetônicas com Niemeyer.

Segundo Wastiels & Wouters (2008, p.4), a seleção de um material de construção é condicionada por vários aspectos: Função/uso; Processo de fabricação/acabamento; Contexto; Experiência (percepção, associação,emoção). Nota-se que implicitamente há a variável tempo, que se encontra relacionada com as técnicas e a tecnologia disponíveis em uma dada época. No século XVIII em Portugal, o Marquês de Pombal promoveu a industrialização da cerâmica, com o aumento da produção e uma redução de custos. Mais adiante, com a revolução industrial, conforme indicam Addington & Schodek (2005, p.2):

“The role of materials changed dramatically with the advent of the Industrial Revolution. Rather than depending on an intuitive and empirical understanding of material properties and performance, architects began to be confronted with engineered materials. Indeed, the history of modern architecture can almost be viewed through the lens of the history of architectural materials. Beginning in the 19th century with the widespread introduction of steel, leading to the emergence of long-span and high-rise building forms, materials transitioned from their pre-modern role of being subordinate to architectural needs into a means to expand functional performance and open up new formal responses”.

Em Portugal os primeiros azulejos datam do período de ocupação árabe. Mas, com relação à produção industrial, Mariz (2016), por exemplo, considera que:

“A tradição da azulejaria de fachada entre 1850 e 1920 teve grande expressão em Portugal, se bem que com maior implementação no norte do país, e marca indelevelmente a arquitetura civil, correspondendo a uma das marcas mais ricas do emprego de cerâmicos vidrados e que não teve paralelo no contexto ocidental”.(MARIZ, 2016, p.455).

“Apesar do valor plástico da azulejaria de fachada elevado, os primeiros revestimentos cerâmicos receberam fortes críticas provenientes dos círculos intelectuais que questionavam o seu “bom gosto”. Esta questão ganhará outra vez relevância a partir do fim do primeiro quartel do século XX, desta vez sem registros escritos, e que levará ao quase desaparecimento do emprego de azulejos nas fachadas de edifícios nas diversas cidades portuguesas.” (MARIZ, 2016, p.456).

“Até ao início do século XIX os azulejos produzidos nas cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia tinham como vocação uma aplicação. No interior de edifícios, onde desempenhavam funções utilitárias e decorativas. O uso do azulejo no exterior das habitações não foi uma solução que nasceu dentro das empresas cerâmicas, mas uma resposta a procura por alteração de uso, inicialmente solicitada por parte da comunidade “brasileira retornada”. Se bem que a princípio esta nova forma decorativa estivesse associada a esta influência, pensamos que a sua integração e emprego massivo no norte de Portugal só é entendível pela predisposição a este gosto, em grande medida justificado pelo historial decorativo existente no interior de jardins de palácios, mosteiros, conventos, igrejas e catedrais”. (MARIZ, 2016, p.466).

“Os azulejos produzidos no baixo Douro tiveram uma repercussão ínfima no plano europeu, com exceção de Espanha (Galiza), assistiu-se contudo a um grande fluxo de exportação para o Brasil mas neste país nunca se alcançou a diversidade de padrões verificada em Portugal.” (MARIZ, 2016, p.466).

Assim, pode-se considerar que em Portugal somente com o pós-modernismo na arquitetura, irá ocorrer esta releitura vernácula (popular) para o uso do revestimento cerâmico esmaltado, colorido, ou rugoso para as fachadas ou envelopes das edificações. Mas pensa-se que este caráter popular para o revestimento com azulejos continua no imaginário português. Isto, pode ser atualmente constatado, pelo uso exterior dos azulejos em novas

obras como a do Museu MAAT às margens do Rio Tejo em Lisboa (2016), projeto de Amanda Leveté Architects.

Sobre a estrutura profunda

Conforme indica Pássaro (2009, p.131):

“Há a ideia de estabelecer uma desmontagem estruturalista do processo artístico e arquitetônico, e um reconhecimento subjetivo de encontro à idéia do autor.”

Mais adiante conceitua:

“ Em suma, todas as manifestações conceituais têm como *mecanismo* a exposição e valorização do somatório de idéias que conformam a obra de arte, o que se traduz em uma proposta de mudar (eliminar) a primeira experiência visual e sensorial, ou seja, a experiência perceptiva, para poder assim valorizar a experiência mental e intelectual, ou seja, a experiência conceitual, numa trajetória que vai do objeto para o subjetivo.” (PÁSSARO, 2009, p.143).

Sobre esta questão, sabe-se que algumas obras da arquitetura contemporânea não permitem a um observador comum (não iniciado em arte e arquitetura contemporâneas) ter uma melhor compreensão sobre o que vê. Há sempre algo misterioso nas imagens mostradas pelo objeto, e de certa forma esta arquitetura se revela como uma arte elitista. A conotação dada pelo arquiteto aos elementos do objeto arquitetônico é algo a ser procurado como num jogo de xadrez. Há sem dúvida alguma sedução para o sujeito nesta procura do obscuro desejo (intenção) do arquiteto na obra em análise.

Conclusões

A arquitetura conceitual, de certa forma requer que seja acompanhada de um texto descritivo sobre as idéias e condicionantes que concorreram para a concepção do projeto e a sua realização. No caso presente do prédio da FLUP, o arquiteto Nuno Sousa fez por bem explicitar (denotar) o plano conceitual, com o compromisso de favorecer a uma boa implantação, a excelente relação com o entorno, satisfeitos aspectos funcionais, e uma estética de envelope que procura matizes com o ambiente do entorno. O historicismo presente na obra mostra aspectos da arquitetura vernácula, com um aspecto às vezes medieval e onírico que faz parte sem dúvida do imaginário das pessoas.

No entanto, apesar de considerar esta obra relevante, pensamos que ainda deva ser realizada pesquisa sobre como os usuários deste espaço, e o público em geral consideram este objeto arquitetônico. Isto porque, não há menor informação sobre esta obra em folhetos turísticos do Porto, nem menção alguma de seu valor arquitetônico, mesmo nos sites da Universidade do Porto e da Faculdade de Letras. Apenas foi possível se acessar a uma nova informação no site da FLUP (25/02/2018), de que foi recebido um auxílio da União Europeia para renovar o prédio: trocar os caixilhos e vidros, substituir lâmpadas por outras mais eficientes, e instalar um grande sistema de conversão da energia solar em eletricidade. Contudo, é desejável que estas ações não venham comprometer a integridade desta obra arquitetônica da década de 90, que se constitui em um objeto arquitetônico a ser preservado.

REFERÊNCIAS

Obras completas

- ADDINGTON, Michelle; SCHODEK, Daniel D. *Smart Materials and New Technologies*. Architecture Press, Burlington-MA, 2005, p.2.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Companhia das Letras, 1990, 1º Ed. [Le città invisibili,1972].
- FOSTER, Hal. *O complexo Arte-Arquitetura*. Ubu Editora. São Paulo, 2011.
- JAMESON, Fredric. *Le postmodernisme ou la logique culturelle du capitalisme tardif*. Beaux-Arts de Paris, les éditions. Paris, 2011.
- MONEO, Rafael. *Inquietação Teórica e Estratégia Projetual*. Cosac Naify. São Paulo, 2008.
- MONTANER, Josep Maria. *La Modernidad Superada*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona-España, 2011.
- PORTUGHESI, Paolo. *Depois da Arquitetura Moderna*. Editora Martins Fontes. 1ª edição. São Paulo, 2002.

Capítulos de obras

- PÁSSARO, Andrés. Linguística e estruturalismo na arquitetura dos anos 70. In: *Leituras em Teoria da Arquitetura 1. Conceitos*. Oliveira, B.S; Lassance, G.; Rocha-Peixoto,G.; Bronstein,L.(Orgs.), Rio de Janeiro, Viana & Mosley, 2009, pp.128-161.
- SCOFFIER, Richard. *Os quatro Conceitos Fundamentais da Arquitetura Contemporânea*. In: *Leituras em Teoria da Arquitetura 1. Conceitos*. Oliveira, B.S; Lassance, G.; Rocha-Peixoto,G.; Bronstein,L.(Orgs.), Rio de Janeiro, Viana & Mosley, 2009, pp.162-233.

Artigo

- SOUSA, Nuno Jennings Tasso de - *Edifício da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O conceito e a forma*. História. Revista da FLUP - Porto,

IV Série, vol. 1 – 2011, pp. 11-22.

Trabalhos completos publicados em Anais

MARIZ, Luís. *Azulejo Oitocentista no Porto e em Vila Nova de Gaia*. Livro de **Actas...** 2º Congresso de História da Construção Luso-Brasileira, Porto-Portugal, setembro 2016, v.1. Culturas Compartilhadas, pp.455-468.

WASTIELS, Lisa; WOUTERS, Ine. *Material Considerations in Architectural Design: A Study of the Aspects Identified by Architects for Selecting Materials*. In: Undisciplined! Design Research Society Conference 2008, **Proceedings...**Sheffield Hallam University, Sheffield, UK, 16-19 July 2008.